

LITERATURA FEMININA AFRO-MINEIRA: RECURSOS POÉTICOS E ESCREVIVÊNCIAS

AFRO-MINEIRA FEMALE LITERATURE: POETIC RESOURCES AND WRITINGS

Maria Nazareth Soares Fonseca¹

RESUMO

O texto pretende discutir aspectos da literatura produzida por escritoras afro-mineiras com a intenção de explicitar recursos de expressão narrativa e poética que se estruturam com vivências e experiências de negros e negras nas terras de Minas Gerais. Ao expor algumas feições da literatura afro-mineira, serão discutidos um romance e poemas de autoria de escritoras mineiras como Conceição Evaristo, Ana Cruz e Jussara Santos e de Leda Martins que, não tendo nascido em Minas, tornou-se mineira. O texto intenta ressaltar a encenação e poetização de tradições culturais mineiras transformadas em motivação literária nos textos selecionados das quatro escritoras afro-mineiras.

Palavras-chave: literatura afro-mineira, textualidades, escrevivências.

ABSTRACT

The text intends to discuss aspects of the literature produced by Afro-Mineira female writers with the intention of making explicit resources of narrative and poetic expression that are structured with experiences of black men and women in the lands of Minas Gerais. By exposing some features of Afro-Mineira literature, a novel and poems by Minas Gerais writers such as Conceição Evaristo, Ana Cruz and Jussara Santos and by Leda Martins who, not having been born in Minas, became a Minas Gerais will be discussed. The text intends to emphasize the staging and poetization of cultural traditions from Minas Gerais transformed into literary motivation in the selected texts of the four Afro-Mineira writers.

Keywords: afro-mineira literature, textualities, traditions.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Professora Adjunta da UFMG. Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Minas, período 1995 a 2018. Coordenadora do GEED e da Seção literÁfricas do site literafro.

Pretendo, com este texto, destacar, na produção literária afro-mineira, obras produzidas por quatro mulheres negras que conseguiram sair do anonimato decretado aos que trazem no corpo e na pele as marcas de uma história de exclusão e silenciamento.

Ao trazer para o meu texto vozes femininas da literatura afro-mineira, exponho algumas produções de escritoras mineiras que encenam em suas obras feições do que a escritora Conceição Evaristo definiu como *escrevivência*, criando um conceito que vem sendo discutido pela crítica literária brasileira, após ter sido explicado pela escritora como “um jogo entre escrever e viver e se ver”, uma estratégia de escrita literária que se distingue da escrita de si, por acolher “a vivência da coletividade” (2022). O termo ganhou espaço nas discussões sobre a produção literária de autoria negra feminina no Brasil, acolhendo esclarecimentos da própria escritora sobre estratégias de escrita assumidas por escritoras negras que se valem de suas vivências e experiências como motivação para escreverem sobre o contexto em que essas experiências se situam.

Além dessa motivação conceitual, a escolha de textos das escritoras selecionadas considera o fato de todas elas terem conseguido ultrapassar as barreiras impostas por uma sociedade que, como afirma Liv Sovik (2009, p. 50), “mantém uma relação complexa com a cor da pele, formato de nariz, e tipo de cabelo”, para legitimar critérios que justificam a ausência de um maior número de escritoras negras no cenário literário mineiro e mesmo no brasileiro.

O texto traz à discussão um romance calcando em vivências de uma coletividade formada por descendentes de escravizados(as) e poemas que motivam a discussão sobre “coisas de Minas”² transformadas, no espaço da literatura, em motivação para a encenação de questões específicas da população negra de Belo Horizonte e do estado de Minas Gerais, espaços em que matrizes culturais africanas estão presentes em tradições religiosas e culinárias e em diversas expressões herdeiras do legado africano deixado em terras mineiras, principalmente em regiões desenvolvidas a partir da exploração do ouro, do diamante e, mais recentemente, do ferro.

² A expressão surgiu da leitura do texto “Coleção Mineiriana”, de Jacyntho Lins Brandão, publicado no Suplemento Literário de Minas Gerais, número 1327. O texto apresenta aos(as) leitores(as) a Coleção Mineiriana que abriga obras de escritores e intelectuais mineiros.

Das quatro escritoras, duas, Conceição Evaristo e Ana Cruz, nasceram em Minas Gerais, mas deixaram as terras mineiras em busca de outros espaços. Ambas vivem, atualmente, no Rio de Janeiro. Conceição Evaristo tem uma obra literária expressiva, já traduzida em várias línguas. Leda Maria Martins fez o caminho inverso ao de Conceição Evaristo e Ana Cruz. Nasceu no Rio de Janeiro e veio cedo para Minas Gerais, onde construiu uma reconhecida carreira como professora universitária e intelectual. A escritora Jussara Santos nasceu em Belo Horizonte e desde muito cedo passou a trilhar o caminho da escrita literária. Além de escritora, é professora do ensino público e escreve textos de intervenção sobre questões da afro-brasilidade.

Conceição Evaristo, embora mais conhecida após o lançamento dos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006), surgiu no cenário literário brasileiro, em 1990, quando começou a publicar poemas e contos nos *Cadernos Negros*, coletânea do Grupo paulistano *Quilombhoje*, surgida em 1978, em São Paulo. Atualmente, Conceição Evaristo é nome reconhecido no meio literário brasileiro e internacional, tendo livros seus traduzidos em várias línguas e conquistando a admiração do público a cada novo livro.

Além de enriquecer os poemas, contos, romances com a experiência vivida por ela e pelos/as afro-brasileiros/as, Conceição Evaristo assume os espaços da teoria literária, ao cunhar o termo “escrevivência” que vem sendo utilizado por ela desde a sua dissertação de Mestrado, defendida em 1995, para definir um processo de escrita que mergulha, intencionalmente, nas experiências de vida, nas vivências concretas transformadas em material de literatura e de arte.

O processo de escrita literária marcado pela escrevivência fica evidente no romance *Becos da memória* (2006), definido por Conceição Evaristo como uma ficção que dialoga com fatos e vivências de sua própria história, sem deixar de ser obra de ficção.

Em 21 de junho de 2006, em Belo Horizonte, em entrevista concedida ao repórter Daniel Barbosa, a escritora comenta a relação de *Becos da memória* com a

realidade vivida por ela quando moradora da antiga favela do Pindura Saia³, que existiu na região sul de Belo Horizonte até o final dos anos 1960. Diz a escritora:

Escrevi a partir de situações que vivi e observei enquanto morava no Pindura Saia. Usei daquela realidade para construir um romance. Apesar de trazer situações que testemunhei, de fato, não é um livro autobiográfico, apenas utilizo de determinados fatos e da experiência de menina criada em favela. (EVARISTO, 2006).

Mesmo reconhecendo a concreta aproximação do enredo do romance com a sua vida, Evaristo não considera o romance autobiográfico. A obra ultrapassa a biografia quando se volta à realidade de carência e exclusão concretamente instalada em uma região de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, atingida pelo projeto de expansão imobiliária que resultou na expulsão dos moradores da região até então habitada, prioritariamente, por descendentes de escravizados.

Em *Becos da memória*, a favela do Pindura Saia é mais uma das regiões de Belo Horizonte, cuja existência foi soterrada pelo plano arquitetônico de uma cidade que nasceu planejada e moderna, e, por isso mesmo, incapaz de abrigar os considerados indesejados no desenho arquitetônico que a cidade procurou erigir⁴. O romance de Evaristo transforma a antiga favela em lugar de memória, em lugar simbólico, cujas ruelas, becos e barracos continuam a ser visitados pela ficção que o eterniza⁵. Por esse aspecto, o romance assume um sentido coletivo e seus moradores transformados em personagens de uma narrativa de valor testemunhal coletivo. O interesse maior do romance é expor a questão social que envolve as causas da pauperização e exclusão dos descendentes dos africanos que chegaram ao Brasil na condição de escravizados.

As escrituras na obra de Conceição Evaristo não se restringem à sua produção romanesca. O processo também está presente em momentos em que a voz que

³ A região onde ficava a favela Pindura Saia, morro do Pindura Saia para alguns, é ocupada, hoje, pelo Bairro Cruzeiro, na zona sul da capital mineira.

⁴ Em entrevista concedida a Rogério Faria Tavares, presidente da Academia Mineira de Letras, o jornalista e poeta, Heitor Martins, refere-se ao Plano Diretor de Belo Horizonte, destacando os expurgos da população que habitava o entorno da Avenida do Contorno, geralmente habitado por população negra ou por população pobre. Na região da antiga favela Pindura Saia, o expurgo dos moradores deu origem ao Bairro Cruzeiro.

⁵ Tratei mais profundamente essa questão no texto “Costurando uma colcha de memórias”, incluído na primeira edição do romance publicada pela Mazza Edições em 2006.

se manifesta em poemas da escritora vasculha suas experiências de vida, vasculhando também as experiências vividas pelos descendentes de africanos. As lembranças de Minas Gerais, seu estado natal, afloram no poema “Mineiridade”, publicado no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Os versos desse poema remetem ao prazer de saborear os “queijos, quiabos babentos”, o “gosto de terra” e se deleitar com o jeito mineiro de falar recheado de “uais” e “trem”, termo usado para significar quase tudo em algumas regiões de Minas Gerais.

O poema evoca a saudade das coisas de Minas que permanecem entranhadas no corpo e nas lembranças que vêm à tona quando se vive em outros lugares distantes das paisagens mineiras. Os versos evocam os vários jeitos de a voz poética envolver-se com os costumes e as tradições mineiras, e se deixar invadir por uma sensação de calma que persiste ainda quando se está em outros espaços sentindo o peso de “tanta mineiridade no peito” (EVARISTO, 2008, p. 68). O jeito de ser de Minas é tecido, no poema, com as lembranças guardadas pela escritora em arquivos de experiências e vivências que fomentam a sua produção literária.

As coisas de Minas, que permanecem na memória da escritora, vêm à tona no belo poema “De mãe”, publicado no livro de poemas referido. O poema expõe uma arte poética nascida de ensinamentos aprendidos com a mãe, “mulher sapiência, yabá”, celebrada por sua capacidade de “por reparo nas coisas” e “assuntar a vida” (EVARISTO, 2008, p. 32). As heranças evocadas da mãe – o cuidado, a brandura, o meio-riso, o saber olhar “as flores amassadas/debaixo das calçadas” (EVARISTO, 2008, p. 33) transparecem nos versos do poema pautados em aprendizagens de arte e ternura. O aprendizado dos ensinamentos “de mãe” deloca-se para a arte de recriar a vida nos espaços da poesia, grafando as sutilezas de um processo de escrita em que “um eu-agora puxa um eu-menina”, evocando vivências e práticas e de vida nas quais a “escrita e o viver se con(fundem) nos cenários da escrevivência” (EVARISTO, 2009)⁶.

Uma outra poetisa mineira, Ana Cruz, celebra, em seus poemas, outros lugares de Minas Gerais e outras tradições herdadas dos antepassados africanos. A experiência de nascer/viver em Minas Gerais transparece na poesia de Ana Cruz nem sempre por se

⁶ Trecho extraído de texto de Evaristo inserido em estudo publicado em página do Literafro. Site: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acessado em: 15 set. 2020.

valer de referências a lugares específicos de sua história pessoal. Muitos de seus poemas evocam lembranças e costumes que permanecem celebrados por comunidades bantas mineiras de onde a escritora retira muito do material poético que habita suas criações.

Nascida em Visconde do Rio Branco, Ana Cruz mudou-se com a família para o estado do Rio de Janeiro ainda criança. No Rio de Janeiro, fez os seus estudos e se formou em Jornalismo. Ao publicar o seu primeiro livro, *E feito de luz ...*, em 1995, oferece aos(as) leitores(as) uma experiência de produção poética voltada à denúncia da situação vivida pelos descendentes de africanos, ao mesmo tempo que evoca tradições afro-mineiras, legadas, sobretudo, pelas mãos laboriosas das mulheres.

Em estudo da poesia de Ana Cruz, a estudiosa Bruna dos Santos (2017, p. 17) destaca a retomada poética realizada pela poetisa ao voltar-se e vivências e experiências próprias de comunidades mineiras herdeiras de tradições legadas pelos(as) escravizados(as) africanos(as). Bruna dos Santos identifica essas tradições em poemas como “Para todos os dias”, do livro *E... Feito de luz* (1997), construído com elementos de cenários do interior de Minas Gerais que remetem às “rezadeiras, benzedadeiras, parteiras, milagreiras” (CRUZ, 1997, p. 10) e a mulheres negras que se fazem guardiãs de tradições de saberes africanos. As tradições africanas dialogam com as tradições católicas referidas na alusão à “variedade de santas tristes/abandonadas nas paredes”, que indicam, no mesmo poema, a mistura de religiosidade, tradições e o trabalho de incansáveis mulheres referidas em alguns de seus poemas.

Não por acaso, a invocação das ancestrais africanas e afro-brasileiras, em vários poemas, motivará o projeto literário “Mulheres bantas, vozes de minhas antepassadas”, de autoria de Ana Cruz, apresentado ao público, em 2011, no Palácio Gustavo Capanema, na cidade do Rio de Janeiro.

A preocupação com a recolha de vozes negras femininas ancestrais distende-se a outros propósitos encaminhados pela poesia de Ana Cruz. A acolhida de vozes da diáspora negras fortalece a intenção de poemas, como “Na contramão”, do livro *Com perdão da palavra* (1999), de recolher traços da população negra que vive nos “subúrbios do/ Harlem, Brooklin”, pondo os excluídos norte-americanos em comparação com os pobres que perambulam pelas “esquinas da Central”, na cidade do Rio de Janeiro. O tema da exclusão sofrida pelos descendentes de africanos ganha uma

dimensão mais ampla ao serem vasculhados lugares em que a pobreza, geralmente de cor negra, pode ser vista, em profusão, explicitando o processo ineficaz de acolhimento dos descendentes dos escravizados africanos persistente no Brasil, mas também em outros países.

Em vários poemas de Ana Cruz são referidas as experiências de comunidades negras nas quais as demandas da vida são exercidas sobretudo pelas mulheres. As mulheres negras tornam-se referência em exercício de recordação da infância vivida em cenários mineiros, prenes de tradições herdadas dos(as) escravizados(as) africanos(as). A tarefa de cuidar delegada, por vezes, às mulheres, como obrigação, é descrita nas labutas da casa, na atenção às doenças do corpo e da alma. A vivência de tristezas percorre os versos do poema “Incompreendido”, com os quais se estabelece a demarcação de territórios entre a mãe que “bordava para fazer passar/suas tristezas e ansiedades” e a filha que pinta e borda “só pra descobrir seus segredos/ e suas fragilidades”.

No poema “Registro de um tempo”, do livro *Guardados na memória* (2008), recortes feitos no tempo delineiam retratos a partir de vivências da gente simples acolhida como motivação do poema, bem como detalhes da vida interiorana lembrada pelo poema. Os versos captam “os borrões de fogo do cachimbo da avó”, em bela cena descritiva, misturando-a com a história da Conceição, uma surda-muda que teve os pés cortados pelo trem. A lembrança do trem com seu apito infinito emerge de cenários de que faz parte a Maria Fumaça, que atravessou os caminhos de ferro de Minas Gerais, traçando a “linha do tempo” que perpassa os versos do poema. À lembrança da Maria Fumaça, a locomotiva a vapor que faz parte da história do transporte por vias férreas, ajuntam-se outras histórias vividas no âmbito familiar: “minha avó, minha mãe/ as irmãs de minha mãe, panela de ferro”. Todos esses elementos recuperam fragmentos de memória e vivências que são acolhidas pelo gesto poético que perpassa o poema, revolvendo heranças deixadas em Minas pelos “Homens de Banto e pelo “Povo da Guiné”, que chegaram da distante África, escravizados, para trabalhar nas minas de ouro de Minas Gerais. Como observa Giselda do Nascimento, em texto sobre a poesia de Ana Cruz publicado na coletânea *Literatura e Afrodescendência* (2011), as figuras femininas evocadas em alguns dos poemas da escritora mineira compõem “uma falange

de mulheres determinadas e sempre presentes tanto no que diz respeito à transmissão de bens culturais aos seus, quanto à responsabilidade de orientá-los para um futuro menos desalentador” (NASCIMENTO, 2011, p. 450).

O poema “Registro do tempo”, que vem sendo discutido, registra vários momentos de uma linha do tempo que escreve a história dos descendentes de africanos em regiões de Minas Gerais:

Registro de um tempo
Os borrões de fogo do cachimbo de minha tia-avó
sobre meu vestido de tafetá ou chita.
A sola dos meus pés queimada pela brasa
cuspida da Maria Fumaça

O trem acidentou Conceição e cortou-lhe os pés.
Conceição era surda e muda – não ouviu o apito
infinito do trem.

Linha do trem, linha do tempo, estrada de ferro.
Maria Fumaça, minha avó, minha mãe,
as irmãs de minha mãe, panela de ferro.
Todas numa mesma trançagem.

Trem de ferro, meu bisavô, os filhos do meu avô,
ferro de passar, caldeirão de ferro.
Homens de Banto,
gente de ferro, gente de fogo.

Na linha do tempo
atravessando a dor,
Povo de Guiné.
(CRUZ, 2008, p. 29).

Ana Cruz, em vários poemas, recorta a sua vida e suas lembranças, distendendo-se pelas experiências de mulheres negras de sua família, ao mesmo tempo que não abandona os preceitos deixados pelos ancestrais, descritos em versos do poema “Cuidado, não vai esquecer a lição ...”, do livro *Mulheres Q Rezam* (2001, p. 125):

Quilombola que se presa não ri à toa
não aceita provocação e olha firme
no fundo dos olhos daqueles que possuem

nariz arrebitado e andam sempre aprumados.
Já dizia meu avô!

A professora, intelectual e poetisa Leda Martins nasceu no Rio de Janeiro, mas está radicada em Belo Horizonte desde muito nova. Aposentou-se há pouco tempo na carreira de docente dos cursos de Letras e de Artes Cênicas da UFMG, mas continua envolvida com as muitas investigações que produz sobre feições da textualidade oral afro-brasileira, focalizada, de forma muito instigante em pesquisas sobre os "Reinos Negros" e os "Congados em Minas Gerais", voltadas, sobretudo, à Irmandade de N. S. do Rosário do Jatobá, em Minas Gerais. Ao privilegiar estéticas e performances afro-brasileiras, a pesquisadora, professora e intelectual nos oferece, em vários momentos, uma reflexão aguda e sensível sobre a linguagem pulsional e mimética de corpos inscritos em tradições herdadas dos africanos.

Tais traços sempre presentes em sua obra crítica são esmaecidos em sua poesia. É o que afirma Figueiredo (2011, p. 171) em texto que apresenta a produção poética e ensaística de Leda Martins, na coletânea *Literatura e afrodescendência no Brasil* (2011). Figueiredo tece considerações sobre o modo como Martins debruça-se sobre si mesma, vendo-se como mulher negra e sobre aspectos da afro-brasilidade presentes em sua produção ensaística, publicada em artigos e livros e em sua participação ritualística junto à Guarda do Congo do Jatobá⁷, de que é Rainha Conga. Sua vivência junto ao Rosário do Jatobá a torna, ao mesmo tempo, participante e observadora, ocupante de um lugar duplo configurado pela vivência/experiência e pela observação.

Em sua poesia, desde o primeiro livro *Cantigas de amares*, publicado em 1983, percebem-se traços sutis de reflexão e expressão que também estão presentes em sua escrita teórica, imbuídos de leveza e suavidade. Na construção de versos de seu primeiro livro, as palavras roçam os timbres da fala, os cantos e sussurros que evocam matizes da oralidade. Nos poemas do primeiro livro de poesias publicado por Martins, já se mostram referências à maquinaria da construção poética, à luta pela palavra que se concretiza no poema "Rima". No poema, o uso do verbo pelejar no primeiro verso da

⁷ Criado em fins do século XIX por descendentes de africanos escravos das fazendas da região do Jatobá, nos limites do município de Belo Horizonte, o Reinado em questão era (e é até hoje) uma das irmandades de tradição "congadeira" mais antigas da capital mineira. (BOEING, 2016, p. 13). O livro *Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá* (1995) é uma importante reflexão sobre textualidades e performances do registro oral.

primeira estrofe remete a aspectos do trabalho com a criação poética e à escolha do gesto adequado à composição do poema. O material a ser conquistado pelo gesto que concretiza o poema diz tanto da procura do material concreto no campo da linguagem, quanto das emboscadas que precisam ser enfrentadas pela arte de poetar.

Rima

Leda Martins

Pelejo a palavra
latente
frutos germe
sedes

Abraço
uma rima
antiga
palavra desenho
emboscadas

Passeio
uma extensão
perdida
poema manhã
espaços

(MARTINS, 1983, p. 28)

Sem assumir marcas de uma temporalidade explícita, o poema “Rima” evoca o trabalho com a palavra, a busca por traços de uma poesia que conclama os sentidos nem sempre facilmente assumidos e que podem ser produzidos pela “palavra latente, pelas emboscadas construídas pelos versos.

As características que se anunciam no seu primeiro livro de poesia espriam-se por poemas como “Mnemosine”, publicado no livro *Os dias anônimos*, de 1999.

A memória de minha ausência
lembra os anciãos nas veredas das noites
luarando cantigas serenas
fazendo sonhar as meninas quase moças.
Eu não ouvi os últimos acordes
E não presenciei os suspiros
Da infanta já feita senhora.

No poema “Mnemosine 2”, publicado na revista *Piauí*, edição de dezembro de 2021, estampam-se motivos de construção poética colhidos do “canto das lavadeiras”, em “resíduos do verbo” e na “tessitura imaginária/de estranho e familiar desejo”. Ao recorrer a fragmentos da memória, Leda Martins deixa emergir vestígios de heranças ancestrais que o “canto das lavadeiras” inscreve no imaginário revisitado pela escritora:

ouvi
no amanhecer
o canto das lavadeiras
madrugada afora
virando rio.

os resíduos do verbo
tecem franjas na memória
tessitura imaginária
de estranho e familiar desejo (MARTINS, dez. 2021)

Maria do Carmo Lana Figueiredo, em texto sobre Leda Martins (2011, p. 170), afirma que a poesia cultivada pela escritora e poeta “opta por revelar explicitamente a subjetividade”, distanciando-se da condição afrodescendente declarada nos textos críticos de sua autoria, amplamente conhecidos. Atenta aos traços que poderiam aproximar a poesia escrita por Martins dos textos reflexivos que publicou, Figueiredo considera ser possível perceber, nos dois gêneros, a exploração da musicalidade que, em sua opinião,

[...] preside a construção poética [que] também orienta o trabalho ensaístico, cujo confessado desejo é expressar-se numa linguagem de “melopeia”, “dicção que não elidisse o sujeito e o objeto, o sopro e o estilete, o ritmo e a cor. (FIGUEIREDO, 2011, p. 171).

Para concluir esta apresentação de 4 escritoras afro-mineiras, conclamo Jussara Santos, poetisa, contista e autora de textos ensaísticos. A escritora assume, em sua produção poética e ensaística, um caminho semelhante ao de Leda Martins. Desde sua participação na criação do Grupo Interdisciplinar de Estudos Afro-Brasileiros (GIEAB),

em 1991, quando era aluna da Graduação em Letras na UFMG, dedica-se a refletir sobre os elementos configuradores de uma afrodição brasileira, como o faz em sua dissertação de Mestrado, defendida em 1993 e a indagar sobre o lugar ocupado pela intelectualidade negra no Brasil, tema discutido em sua tese de Doutorado, defendida em 2003. A mesma inquietação mostra-se em vários ensaios de sua autoria, em seus contos e em livros de ficção como *Crespim* (2013) e *Indira* (2019).

Em alguns dos poemas de Jussara Santos que integram a publicação *Minas em Mim*, organizada com poemas de quatro vencedores do Prêmio BDMG – Cultural de Literatura – Poesia, em 2005, sente-se a inquietação que caracteriza a sua obra literária, deixando exposta a preocupação de quem observa e questiona a situação de negros e negras na sociedade brasileira. As referências a lugares específicos de Minas e da cidade mineira em que nasceu surgem de forma sutil e não incisiva em um dos poemas sem título que compõem a série intitulada *Modeladores de tecidos*. Nesse poema, referências explícitas a lugares de Belo Horizonte e à arte praticada em Minas Gerais ajudam a compor os versos, “Desço Bahia”, “Mina(s)”, “pedra e sabão”, produzindo efeitos de sentidos que se deslocam à medida que se acompanha o andamento dos versos.

Nos versos referidos são traçados movimentos de feição identitária e inscritas concretas referências ao espaço urbano de Belo Horizonte. A referência à Rua da Bahia recupera um espaço importante da cidade de Belo Horizonte, cantado por escritores e cronistas como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Rômulo Paes. O poema acolhe questões das Minas Gerais, latentes em expressões como “preta de mim”, “pedra e sabão”, que remetem a características identitárias do corpo feminino negro e a cenários específicos de Minas Gerais, sobretudo os identificados pela arte produzida com “pedra sabão”, material característico de algumas regiões do estado.

A artesanaria do poema costura informações, referências e inquietações que se estampam nos versos em que se misturam referências várias tiradas de espaços habitados por descendentes dos(as) africanos(as), trazidos(as) para Minas Gerais e, posteriormente, para Belo Horizonte:

Desço Bahia
susto
eu frente ao pilão

Revista de Letras Norte@mentos

a preta de mim
Mina(s)
pedra e sabão
essa coisa de tanque
que é coisa de rio
“Batê a ropa até maciá
desço, não desço
paro de caminhar
macero meu corpo até meio fio
sangro
remendo de roupa
desço subo bainhas
cirzo a primeira esquina
(SANTOS, 2005, p. 60)

Em outro poema, também sem título, exposto à p. 70 da mesma publicação, referências concretas a Minas Gerais voltam a ser conclamadas: as riquezas extraídas da terra mineira, o “minério de ferro” e o ouro, aludidos pela referência a Mr. e Miss., no último verso do poema, indicação da exploração do minério que permanece nas minas de Nova Lima, cidade fronteira a Belo Horizonte.

Fica evidente no poema a alusão à exploração do ouro e do ferro em Minas Gerais e aos males provocados aos trabalhadores que tiram da terra a riqueza que tornara “tísico o coração do avô”. As palavras ajustadas aos versos curtos do poema contam histórias da exploração da terra mineira e de corpos adoecidos pela inalação do pó advindo da extração de ouro e ferro em minas de Minas - “Minas de reis/Que não/Salomão - retomadas pela memória em que também “pulsa pó minério de ferro”. O gesto poético, econômico e certo retoma cenas da história de exploração de minérios em Minas Gerais, assumida pelo eu poético, com os olhos postos em corpos negros, como o do avô e o habitado pela voz que advém das minas exploradas por mãos e corpos pretos que construíam a riqueza de Minas Gerais:

O tísico coração do avô
Pulsa pó de minério de ferro
Presente de Minas
Minas de reis
Que não
Salomão

O tísico coração da avó
(Re) cria histórias
Com sobriedade de mestre Griot

Por aqui
Nessas luas e luandas
A preta mina(s) em mim
Recusa a pátria
Que não lhe pariu.

Mr. and Miss ouvem vitrola no jardim.

A mostra de poemas e de texto ficcional trazidos por este texto quis aludir a gestos da escrita de escritoras mineiras que vêm ajudando a celebrar a memória de espaços de Belo Horizonte e de Minas Gerais, focalizados pelo olhar feminino, que, embora destinado ao cuidado de outras tarefas, se empenham a cultivar uma escrita em que pulsam as vivências de suas autoras.

O labor poético dessas escritoras traça caminhos de Minas Gerais sulcados pelo gesto escritural de escritoras empenhadas em preservar as “coisas de Minas” que dizem respeito às heranças deixadas em terras mineiras pelos(as) africanos(as) escravizados(as) e por seus/suas descendentes e que enriquecem a história da literatura de Minas Gerais, principalmente a afro-mineira. A obra dessas escritoras nem sempre figura em programas de cursos de Letras oferecidos por escolas e universidades de Minas e do Brasil, exceção feita à obra de Conceição Evaristo, pelo reconhecimento que advém de uma luta desenvolvida por ela e por alguns de seus analistas antes mesmo do seu surgimento nos cenários literários do país.

Que o mesmo reconhecimento atinja as outras escritoras conclamadas por este texto.

Referências

BARBOSA, Daniel. Lembranças do morro do Pindura Saia. Jornal “*O tempo*”, Belo Horizonte, 26 jun. 2006.

Revista de Letras Norte@mentos

BOEING, Rafael Antônio Motta. *Experiências do sagrado: fabulações de um Reinado em A coroação de uma rainha*. Dissertação de Mestrado, inédita. 2016.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Coleção Mineiriana. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 27 fev. 2019. Disponível em: <https://issuu.com/suplementoliterariodeminasgerais/docs/2009-dezembro-1327> Acesso em: mar. 2023.

CRUZ, Ana. *Com o perdão da palavra*. Rio de Janeiro: Edição da autora, 1999.

CRUZ, Ana. *E... Feito de luz*. Niterói/Rio de Janeiro: Ykenga Editorial Ltda, 1995.

CRUZ, Ana. *Guardados da memória*. Niterói/Rio de Janeiro: Edição da autora, 2008.

CRUZ, Ana. *Mulheres Bantas* (DVD). Rio de Janeiro: Produção Independente, 2011.

CRUZ, Ana. *Mulheres Q' Rezam*. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2001.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência carrega a escrita da coletividade. Portal Notícias do IEL 03 out. 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. Leda Maria Martins. In DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 3 – Contemporaneidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 167-183.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos de memórias*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006, p. 11-18.

MARTINS, Leda. “Mnemosine2”. *Revista Piauí*, edição 183, dez. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/os-residuos-do-verbo-tecem-franjas-na-memoria/> Acesso em: março 2023.

MARTINS, Leda. *Cantigas de Amares*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1983.

NASCIMENTO, Gisêlda Melo do. Ana Cruz. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 3 – Contemporaneidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 445-456.

SANTOS Jussara. Poemas. *In*: *Minas em Mim* – Prêmio BDMG-Cultural de Literatura – Poesia. BDMG – Cultural, 2005, p. 57-71.

Recebido em 15/05/2023

Aceito em 20/07/2023